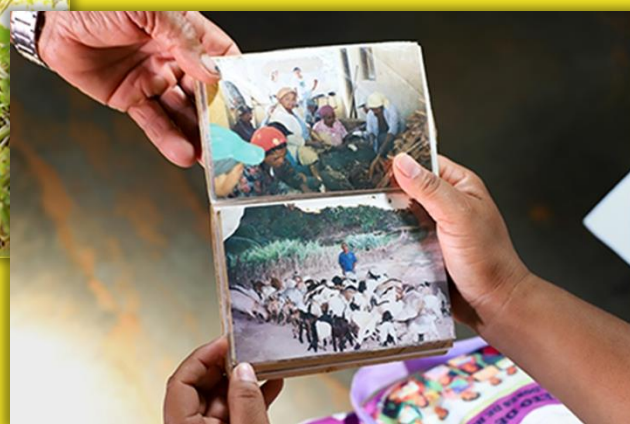


IVANETE GOMES PEREIRA



---

OS MESTRES DOS SABERES POPULARES NO CAMPO

---





---

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO – MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO  
DO CAMPO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO  
DA BAHIA  
Silva Luiz de Oliveira  
Reitor  
Georgina Gonçalves dos Santos  
Vice reitora  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE  
PROFESSORES  
Fábio Josué Souza dos Santos  
Diretor  
Creuza Souza Silva  
Vice-diretora  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO –  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO  
DO CAMPO  
Débora Alves Feitosa  
Coordenadora  
Terciana Vidal Moura  
Vice coordenadora

FICHA TÉCNICA  
ELABORAÇÃO:  
Ivanete Gomes Pereira  
ORIENTAÇÃO:  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Dyane Brito Reis Santos - UFRB  
Prof<sup>o</sup> Dr. José Raimundo de Jesus Santos  
EXAMINADORES:  
Dr<sup>a</sup> Jamile Borges da Silva - UFBA.  
Prof<sup>o</sup> Dr. Kleyson Rosário Assis - UFRB.

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO, ARTE  
E FOTOGRAFIA:  
JULIANO MAARQUES

JULHO DE 2019

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA DE AMARGOSA - CFP/UFRB  
**Bibliotecário: André Montenegro – CRB-5ª / 1515**

P436m      Pereira, Ivanete Gomes.  
Os Mestre dos saberes populares do campo. / Ivanete Gomes Pereira. –  
Amargosa, BA, 2019.  
41 fls.; il.color.; 30 cm.

Orientadora: Prof. Dr. Dyane Brito Reis Santos.  
Produto (Mestrado Profissional em Educação do Campo) – Universidade  
Federal do Recôncavo da Bahia. – UFRB – Amargosa, BA. 2019.  
Bibliografia: f. 40.  
Inclui Glossário

1. Educação do Campo. 2. Quilombo - Bahia. 3. Identidade. I. Santos,  
Dyane Brito Reis. II. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. III.  
Título.

CDD – 379

**IVANETE GOMES PEREIRA**

**OS MESTRES DOS SABERES POPULARES DO CAMPO**

Catálogo final apresentado à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre.

Amargosa-Ba, 11 de Julho de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Dyane Brito Reis Santos (Orientadora)

UFRB

---

Prof<sup>o</sup> Dr. José Raimundo de Jesus Santos (Coorientador)

UFRB

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jamile Borges da Silva (Avaliadora Externa)

UFBA

---

Prof. Dr. Kleyson Rosário de Assis (Avaliador Interno)

UFRB

## **Resumo**

Neste trabalho apresento os Mestres dos saberes populares da comunidade de Lagoinhas em São Gabriel, Bahia. Comunidade reconhecida como remanescente de quilombola, tem seus saberes ancorados nos seus ancestrais que trazem suas origens das comunidades negras das margens do Rio Jacaré localizadas ao norte do Município. Mais tarde um grupo familiar reconhecido como Bernardos buscou conquistar terras próprias e caminharam em direção a hoje comunidade de Lagoinhas. O estudo dialogou com os referidos mestres, objetivando identificar a contribuição desses para a construção da identidade quilombola. Indagamos sobre seus modos de vida na convivência com o campo, na relação com a terra, como os meios naturais e com os movimentos sociais e culturais na busca de uma afirmação social na própria comunidade. Trabalhamos com o método etnográfico e entrevistas individuais. Como resultados encontrados estão na forma de organização social comunitária, as práticas dos trabalhos coletivos, a solidariedade, as manifestações culturais e os saberes sagrados. Os mestres reúnem esses saberes como líderes comunitários presente no inconsciente coletivo.

**PARAVRAS CHAVES: Campo – Quilombola - Identidade**

## **Abstract**

In this work, I present the Masters of popular wisdom from the community of Lagoinhas in São Gabriel, Bahia. The community, recognized as reminiscent of quilombola folk, has its wisdom anchored in its ancestors, whose origins come from black communities from the banks of the Jacaré River, located in the north of the town. Later on, a familial group recognized as Bernardos looked for conquering their own lands and walked toward today's community of Lagoinhas. The study dialogued with the referred masters, aiming to identify their contribution in the construction of quilombola identity. We inquired about their lifestyle in coexistence with the countryside, their relationship with the land, with the natural resources and with the cultural and social movements in pursuit of a social affirmation in their own community. We worked with the ethnographic method and individual interviews. The found results are in the form of a communal social organization: collective labor practices, solidarity, cultural manifestations and sacred wisdom. The masters gather this wisdom as community leaders present in the unconscious collective.

**Keywords: Countryside; Quilombola; Identity.**

---

“Os saberes sagrados nem sempre pode ser revelados.... eles são herdados ou recebidos como dom sagrado. Carregam consigo os mistérios da divindade”  
-Dona Jeruza

---

---

## SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	07
2. LOCAL DA PESQUISA .....	08
3. SÃO GABRIEL PELO OLHAR DO SEU POVO NEGRO.....	09
4. COMUNIDADE QUILOMBOLA DE LAGOINHAS.....	14
5. OS MESTRES DOS SABERES POPULARES QUILOMBOLAS DE LAGOINHAS.....	23
6. OS MESTRES COMO PROTAGONISTAS DA CULTURA QUILOMBOLA.....	25
7. OS SABERES DOS MESTRES NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE QUILOMBOLA DO CAMPO.....	28
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40
10. GLOSSÁRIO DO CATÁLOGO.....	41



## 1. APRESENTAÇÃO

O Catálogo “Os mestres dos saberes populares quilombolas do campo” é fruto dos diálogos realizados na comunidade quilombola de Lagoinhas no Município de São Gabriel, Bahia, durante o desenvolvimento do trabalho de campo para elaboração do produto final necessário para conclusão do Mestrado Profissional em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), no ano de 2019.

O estudo dialogou com os mestres dos saberes populares quilombolas do campo, objetivando identificar a contribuição desses para construção da identidade quilombola do campo nessa comunidade. Daí, indagamos sobre seus modos de vida na convivência com o campo, na relação com a terra, com os meios naturais, na sua relação com os movimentos sociais e culturais, na busca de uma afirmação social dentro da própria comunidade. Para tanto, foram realizadas entrevistas individuais como instrumento metodológico e formativo a partir do método etnográfico.

Como resultado dos diálogos, elaboramos esse Catálogo que tem como objetivo apresentar esses Mestres dos Saberes como sujeitos interlocutores da construção da identidade quilombola da comunidade de Lagoinhas em São Gabriel na Bahia. A análise desse material foi desenvolvida numa perspectiva onde a interpretação do fenômeno é aquela feita pelo próprio sujeito desvelando suas redes de significados numa perspectiva de afirmação da identidade quilombola do campo.

Do ponto de vista prático, esse material contribuirá com os grupos culturais que se teve contato durante a pesquisa. Foram eles: Associação dos Pequenos Produtores e Produtoras Rurais; O Reisado e; O Carirú, que percorre o universo do trabalho, do lazer e do sagrado. Busca-se dá visibilidade as pautas e lutas locais, contribuindo para a elaboração e efetivação de políticas públicas que colaborem com a manutenção desse legado cultural. Além da valorização e registro escrito desses saberes.

Enfim, socializar e apresentar os saberes daqueles que são os guardiões da cultura local dessa comunidade é também contribuir com os espaços formativos da própria comunidade: a escola e o centro de referência social que também desenvolvem ações no sentido de fortalecimento da identidade cultural quilombola do campo do povo de Lagoinhas.

## 2. LOCAL DA PESQUISA

Mapa de São Gabriel – Bahia  
Mapa 1 – Localização do Município de São Gabriel – Ba - 2013



Fonte: WikiProjeto Nordeste do Brasil – 2013 - IBGE

Mapa 2 – Localização do Município de São Gabriel – Ba - 2013



Fonte: Organizado por OLIVEIRA, E.F., com base de dados do IBGE – 2010.

### 3. SÃO GABRIEL PELO OLHAR DO SEU POVO NEGRO

O Município de São Gabriel está localizado na região Noroeste do Estado da Bahia. Sua área é de 1.146,055 Km<sup>2</sup> e está há 480 km de Salvador. Sua altitude é de 680m acima do nível do mar. Seus limites geográficos territorial são: ao norte – Jussara; ao Sul – Irecê e João Dourado; ao leste – Morro do Chapéu; e ao oeste – Central e Presidente Dutra. A população de acordo com o Censo de 2010 – IBGE é de 18.427 habitantes e a população estimada em 2016 foi de 19.594 pessoas. O seu bioma é a Caa tinga. A sua emancipação política aconteceu em 25 de fevereiro de 1985.



Sua história é marcada pela presença do povo negro de forma trágica e muito marcante, porém esquecida e até negada pelos seus habitantes. O Município nasceu de uma negociação de terras entre fazendeiros de outro Município vizinho chamado Uibaí que desejava ampliar suas riquezas e a moeda de troca nessa negociação foi um negro escravizado chamado Domingos Cabra. Nome esse em virtude da sua força e do seu valor de troca.

Após a compra da fazenda que inicialmente se chamava São Rafael, o fazendeiro proprietário levou para essas terras outro escravo chamado Gabriel, que seria o responsável pelo desbravamento das matas e abertura das estradas. Mas na invisibilidade da história, o escravo Gabriel tinha deixado para trás sua noiva, a quem tinha prometido retornar para se casar. Sendo ele um homem sem liberdade não pode cumprir a promessa feita à sua noiva e seu proprietário não permitia a sua ida à outra fazenda para visita-la.





Segundo os estudos de Taiane Dantas Martins, na sua pesquisa de mestrado pela UNEB (2010), em História Regional e Local, disserta que Gabriel morreu apaixonado, depressivo e fadigado por não poder ter vivido seu grande amor. Para cobrir a história trágica da formação inicial dessa fazenda a esposa do seu proprietário convenceu-lhe a mudar o nome da fazenda para São Gabriel, em homenagem ao negro que tinha dado sua vida na formação dessas terras. Mas publicamente o nome seria associado ao arcanjo que com a mudança da família para as novas terras levaram a imagem do santo católico que a partir daí começou os festejos do Padroeiro do Município que se celebra até os dias de hoje. Uma forma de esconder a verdadeira homenagem.



Os habitantes de São Gabriel desconhecem a versão dessa história que só veio à tona após a realização dos estudos de Taiane Dantas Martins que pesquisou a presença do povo negro no Território de Irecê, revelando o outro lado da história. As vozes daqueles que construíram a sangue, suor e com muito sacrifício as propriedades dessa região. E como a história oficial não revela essas vozes, somos nós do povo negro que devemos está contando e divulgando a historiografia de outras etnias presentes nesse território. Que não diferente dos demais no nosso Estado, a distribuição de terras, também, não aconteceu de forma diferente a partir das famosas capitânicas hereditárias. A terra é centralizada nas mãos de poucas famílias que detém o poder político, econômico e influência social. O Município é reconhecido pelas suas riquezas culturais. Na localidade ocorre uma grande festividade, um movimento de resistência cultural chamado "Cantoria", geralmente no segundo semestre de cada ano, que reúne artistas da terra e até nomes nacionais da música popular brasileira.



Lugar de um povo persistente e resistente, tanto às diversidades climáticas, sobrevivendo a partir da agricultura familiar e agricultura de sequeiro, pequenos rebanhos de caprinos e ovinos, quanto das práticas das relações sociais com a presença de Associações de Produtores Rurais em todas as comunidades rurais. Ainda é presente nas comunidades mais tradicionais as casas de farinha, os engenhos de cana e o trabalho coletivo solidário nas pequenas propriedades e nos Bairros de fundação desse Município. A agricultura familiar é desenvolvida na maioria do seu território e uma forte presença dos trabalhos coletivos e solidário.



Atualmente existe uma pequena feira de produtos orgânicos, organizada por um grupo de pequenas produtoras que trabalham com as práticas agroecológicas e comercializam seus produtos aos finais de semana – sábado.

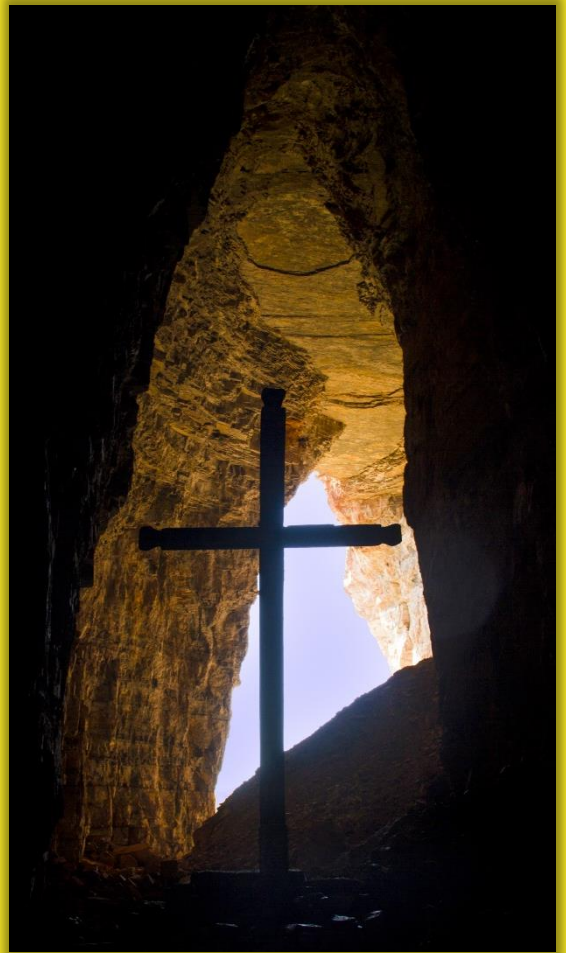


O Município tem um pequeno comércio, mas sem expressão econômica, a tradicional feira funciona como espaço de interação e veículo de comunicação dentro da comunidade, reúne as pessoas que vem dos povoados para fazer suas compras e saber “das novidades da cidade”.





A diversidade territorial faz com que no município, às margens do Rio Jacaré exista uma paisagem que contrasta com a imagem do sertão. Este rio nasce no Município de Barra do Mendes e ao adentrar ao território de São Gabriel torna-se subterrâneo, ressurgindo na Gruta dos Brejões, marcando a região com belezas e fartura nas veredas, alimentando a população da comunidade, que ali desenvolve o pastoreio, com o maior rebanho de caprinos e ovinos do município, e a pesca.









O Município tem uma grande extensão territorial e sua população rural é distribuída em mais de 60 (sessenta) comunidades, dentre elas existe 5 (cinco) comunidades reconhecidas como remanescentes de quilombolas: Boa Hora, Boqueirão dos Carlos, Curralinho, Caroazal e Lagoinhas o que indica novamente a presença do povo negro nesse território.

Este estudo é numa dessas comunidades conhecida como Lagoinhas, nome recebido devido sua formação geográfica e, cujo povoamento aconteceu nas proximidades de uma lagoa de onde as pessoas usavam para o consumo e criação de animais.



#### 4. COMUNIDADE QUILOMBOLA DE LAGOINHAS

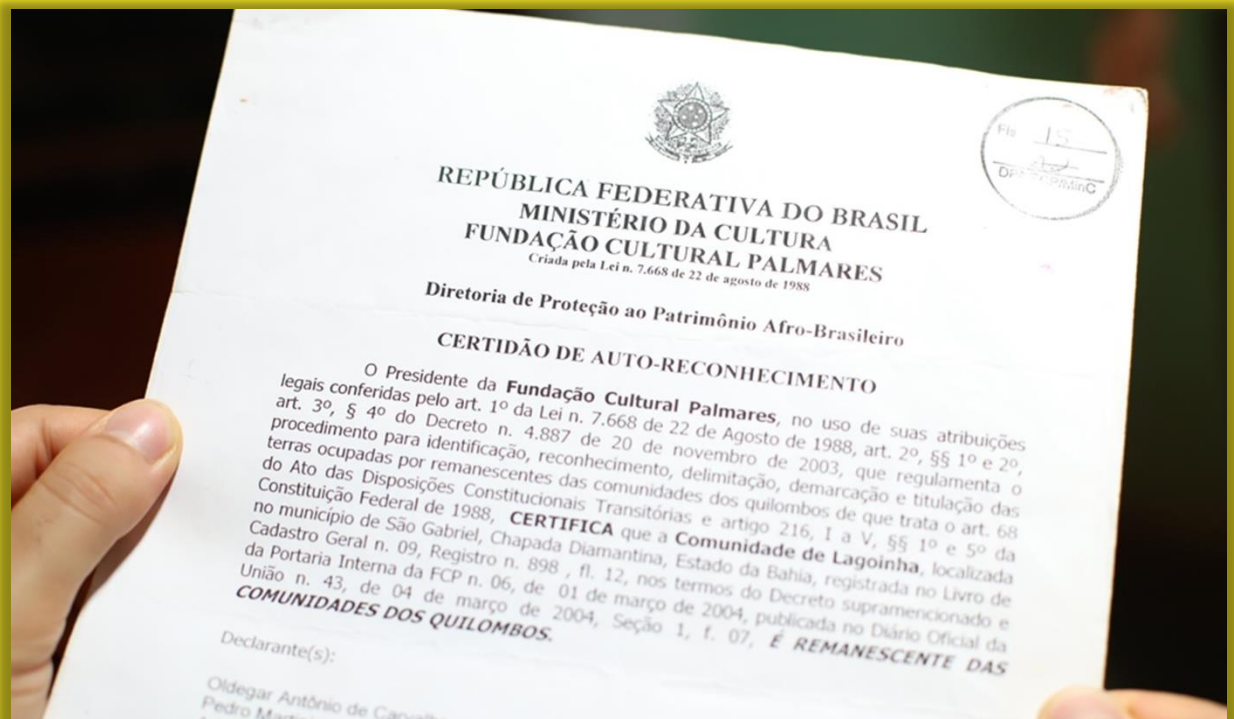


A Comunidade de Lagoinha está aproximadamente 40 km da sede do Município. Numa trajetória que percorre as comunidades de: Variante, Besouro, Pital e Gameleira.





Lagoinhas é uma comunidade rural, reconhecida como remanescente de quilombola, há mais de dez anos. Sua base econômica é a pecuária de pequenos rebanhos de caprinos e ovinos. Um grande número de pessoas depende dos programas sociais do Governo Federal para sobreviver.



Declara a comunidade como remanescente de quilombola.

A presença de água no subsolo é raríssimo o que dificulta qualquer prática de irrigação na tentativa de produção de alimentos para a própria sobrevivência. Como comunidade quilombola é forte a presença da cultura negra no cotidiano das pessoas, como também a invisibilidade da mesma nas práticas sociais. A comunidade tem uma vida social organizada pelas associações de pequenos produtores rurais, grupo de reisado, Igrejas Evangélicas, Mães de Santo, Benzedeiras, Parteiras, que dinamiza a vida das pessoas, mas também esconde a cultura que forma sua identidade.

As famílias dessa comunidade se misturam e se distribuem entre outras comunidades circunvizinhas, também chamadas de lagoas: Lagoa de Fora, Lagoa do Meio, Lagoa Grande e Lagoa Nova de Abílio. Assim, a vida vai se formando e tomando outras dimensões, mas as condições de vida das pessoas faz com que elas engrossem as fileiras do êxodo rural que é muito forte nessas comunidades, se destacando das demais no Município. Os jovens não têm perspectivas de vida na própria comunidade e são eles quem vai para as colheitas do café, de cana no Oeste do Estado e para Minas Gerais.

A comunidade de Lagoinhas está centralizada entre as demais comunidades, como também, as ofertas dos serviços públicos que chegaram depois da presença das políticas públicas de valorização das comunidades quilombolas, através dos serviços de saúde básica da família, ofertados numa Unidade Básica de Saúde (PSF); os da assistência social num Centro de Referência que oferece atividades sócias educativas para jovens e crianças e idoso; e a educação que é atendida em duas unidades escolares. Temos também a oferta de um espaço para as práticas esportivas, através de uma quadra poliesportiva coberta.







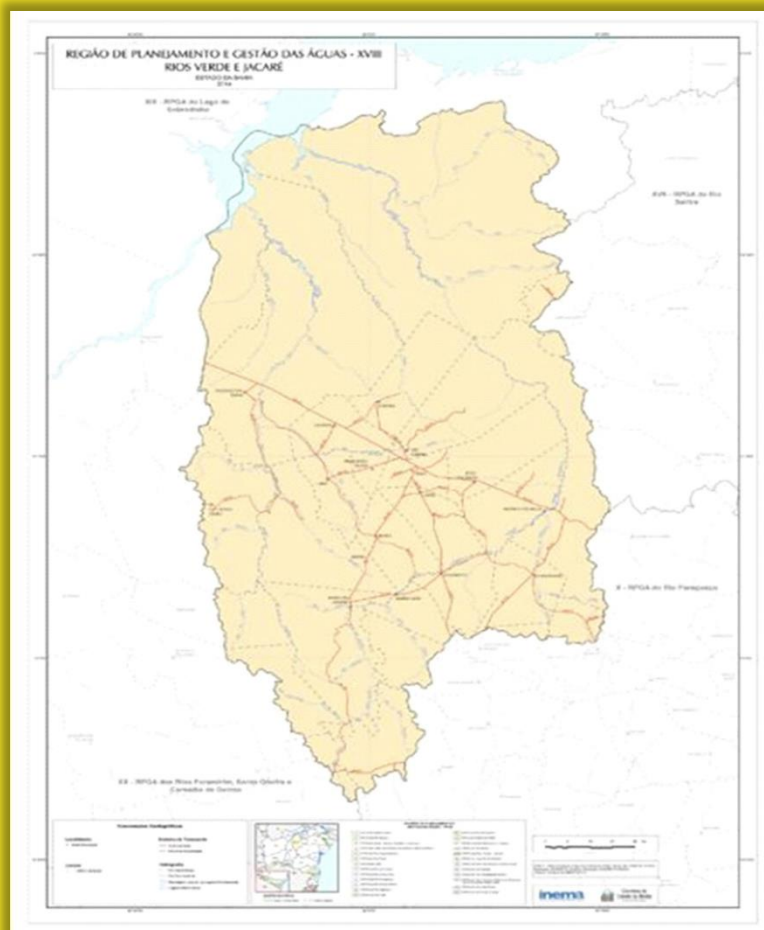
Nessa comunidade temos duas escolas que atende os alunos desde a Educação Infantil às séries finais do Ensino Fundamental. São as Escolas André José Bernardo (Educação Infantil e Ensino Fundamental- séries iniciais) e João Pedro Bernardo (Ensino Fundamental – séries finais).



A comunidade foi contemplada com o Projeto de Construção de Escolas padrão FNDE, para comunidades remanescentes de quilombola, onde funciona hoje a Escola André José Bernardo, com uma infraestrutura adequada para atender crianças da Educação Infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental.



Lagoinhas e Suas Origens Quilombolas: nas margens do Rio Jacaré em São Gabriel (“Vereda”)



O povo de Lagoinha tem suas origens quilombolas nas margens do Rio Jacaré como produto da ocupação de terras por aqueles que identificavam este território como Veredas. Lugar cujas condições de sobrevivência da pequena agricultura e pecuária eram propícias para o fazer da vida. Essa foi a primeira região povoada no Município, marcada pelas práticas de pecuária de gado, pela exploração extrativista de carnaúbas. Planta que formava a mata ciliar desse Rio. Várias comunidades se formaram às margens desse Rio, de onde se retirava a base de sobrevivência para as famílias de pequenos produtores rurais que só tiveram seus espaços separados dos grandes fazendeiros de gado, após o declínio dessa atividade comercial na referida região.

As pessoas que chegaram nessa região vieram de diferentes lugares da Bahia, alguns até não sabem das suas origens. Muitos deles trazidos por fazendeiros criadores de gado que ocupavam as terras devolutas e se apropriavam das mesmas como donos. Para esses fazendeiros essa região era considerada ponto de parada e passagem de gado que era comercializado nos pontos comerciais do Rio São Francisco. Nessa parada de gado que trazia consigo trabalhadores negros que segundo os relatos dos moradores mais velhos dessa região, ainda viviam na condição de cativo.

A distribuição das terras entre os grupos familiares e as pessoas que foram agregadas às essas comunidades, era demarcada por cada grupo em pontos isolados. O que dá bastante evidência de terras quilombolas, pois não existia um povoamento num único local de forma centralizada. Mas os traços de trabalho coletivo e solidário e as manifestações culturais e religiosas apresentam as raízes de matriz africana presente na formação desse povo. A interseção entre as comunidades está na raça, no trabalho e na cultura.

Os grupos familiares e seus territórios eram marcados pelo sobrenome da pessoa mais velha, representando assim a formação de uma identidade que até os dias de hoje esses terrenos são chamados pelo nome dos seus familiares. Dentre os vários grupos que formaram as comunidades da Vereda está a família Bernardo que mais tarde saiu em busca de outras terras para aprender a trabalhar com as práticas da agricultura de sequeiro.

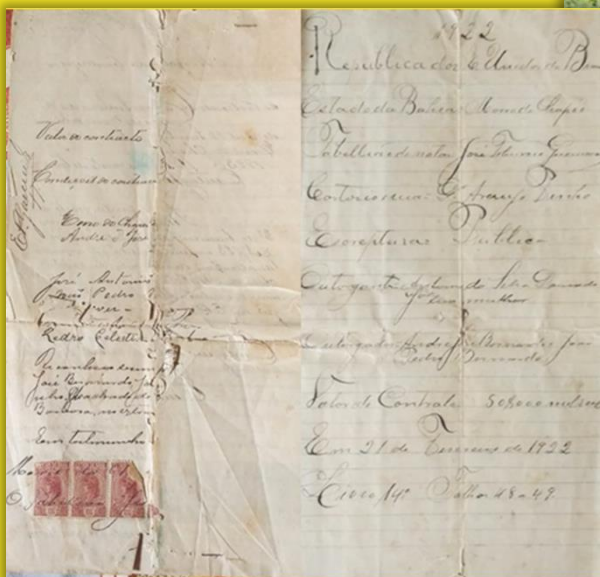
Segundo os relatos dos mais velhos e dos mestres e guardiões dessa cultura quilombola, por volta de 1920, seis homens entre eles João Pedro Bernardo e André José Bernardo (dois irmãos) saíram em busca de outras terras, onde eles pudessem levar seus familiares. Eles andaram na caatinga seguindo os indícios de onde houvesse água. Seguiam uma lenda que existia uma lagoa dourada. Trilhando com esse sentido, depois de aproximadamente 20 km da Vereda, na direção Sul, encontraram de fato uma lagoa com marcas da presença de gado.





Em 1922, João Pedro Bernardo, retornou à esses terrenos e comprou na mão de um Coronel de Morro do Chapéu. Em seguida ele vendeu uma parte dessas terras para seu irmão André José Bernardo. Essas terras descobertas são identificadas por eles como adequadas para o plantio de milho e feijão. Visto que na Vereda eles dependiam apenas da caça e da pesca, não desenvolviam a agricultura, em virtude das condições geográficas dos terrenos: morros, serras e o difícil acesso. As terras da Vereda eram apropriadas para o plantio de verduras, leguminosas, a pesca. No entanto, esse povo tinha o desejo de adquirir outras terras e registrar como propriedade privada.

Esses dois irmãos levaram suas famílias para morar nos terrenos adquiridos próximo dessa lagoa. Daí o nome da comunidade, que nasce próximo dessa lagoa dourada. Nesse local construíram as primeiras casas, prepararam os terrenos para os plantios. Mas eles não se afastaram da Vereda. Durante o inverno eles ficavam em Lagoinhas e no verão eles voltavam para a Vereda. Essa tradição entre sobreviver nas terras da Vereda e em Lagoinhas ainda permanece nos dias de hoje.



Na dinâmica viva da comunidade é presente as manifestações culturais do reisado. Uma tradição que eles aprenderam na Vereda com outros grupos familiares: os Reis. Um Senhor por nome Terto dos Reis foi quem ensinou ao povo de toda a Vereda a celebração e festejo do reisado. Mais tarde ele também segue em direção aos terrenos de Lagoinha e constrói moradia com seus familiares na então comunidade de Lagoa Grande. Esta fica a 2 km de Lagoinhas que tem a presença marcante dos familiares por sobrenome Reis. Dizendo as pessoas que ainda celebram o reisado que esse sobrenome está associado àqueles grupos familiares que realizam as atividades cultural e religiosa do Santo Reis.



Outra família que agregou à comunidade de Lagoinhas na sua formação inicial foi a de Dona Florentina, conhecida como Mãe Fulô, a parteira mais velha dessa comunidade. É assim, chamada pelo grande respeito e admiração que seu povo tem por ela pela dedicação da sua vida aos cuidados das crianças que nasciam naquela comunidade e ajudando as mulheres nos trabalhos de parto. Segundo suas netas e filhas de Mãe Fulô, a mãe dela Dona Francisca foi deixada pelo bando de Lampião quando esse passou na Vereda. Ela não informava para seus descendentes as suas origens, de onde ela vinha, seus descendentes e familiares.

Foi Mãe Fulô que também levou a tradição do reisado de Deus Menino para a comunidade. Um festejo que ela ensinou às mulheres da sua família: filhas e netas.





Os saberes sagrados desse povo foram transmitidos por um pai de santo para Dona Jeruza, que nos dias atuais ainda realiza as suas obrigações religiosas. Além dos saberes com as ervas medicinais para fazer remédios caseiros, ela ajuda as pessoas quando é procurada.





## 5. OS MESTRES DOS SABERES POPULARES QUILOMBOLAS DE LAGOINHAS

### SABERES DA ORGANIZAÇÃO SOCIAL COMUNITÁRIA



### SABERES DA CULTURA



### SABERES DA RELIGIÃO

JERUZA ALVES BONFIM



Jovenito dos Reis



Messias Guilhermina  
dos Reis



Manoel Bernardo



Maura André  
Bernardo



José Vicente  
Alves Bonfim



Jeruza Alves Bonfim



Benedito Isaias  
Bernardo e Zenália  
Bernardo dos Reis

## 6. OS MESTRES COMO PROTAGONISTAS DA CULTURA QUILOMBOLA

Para as comunidades tradicionais os mestres são aquelas pessoas que assumem um legado e compromisso de ser um guardião da tradição de um determinado grupo cultural. Os seus saberes são de extração milenar e coletiva, resultado de experiências acumuladas em ações vivenciadas no contato direto com a natureza e no seu processamento, repassados geração à geração, conhecimentos tradicionais e populares.

Sendo o mestre o guardião da tradição, não se pode concebê-lo de modo isolado. Isto por que um mestre sem aprendiz não é um mestre. Ele só existe na comunidade. Daí a importância de preservar não apenas a pessoa do mestre como depósito do seu saber, com ativada a sua casa, enquanto sede de seu grupo de aprendizagens e ainda sua comunidade.

Um mestre se constrói ao longo das suas experiências vividas e aprendidas com outros mestres e nos ensinamentos com seus aprendizes. A maioria deles diz que é um dom e atribui a excelências das suas habilidades ao religioso.

O mestre se constrói quando toma consciência de sua vocação. É quando ele observa, imita, copia, erra, até atingir um ponto a partir do qual pode ser considerado um artifício. Daí para a maestria é uma questão de paciência, determinação e muito trabalho.

A comunidade de Lagoinhas é reconhecida como remanescente de quilombola pela forma de organização da vida das pessoas que é marcada por trabalhos coletivos e solidários; o respeito e cuidado com a natureza; as manifestações culturais com caráter de irmandade; e as celebrações religiosas que guardam saberes dos seus ancestrais, através das práticas e experiências das parteiras, das benzedeadas e das mães de santo.

O reconhecimento e identificação desses mestres na comunidade são por meio da liderança que eles desenvolvem nas atividades coletivas da vida comunitária. Eles são referendados por assumir compromissos comunitários, sociais, políticos, culturais e religiosos. Guardam saberes dos seus ancestrais que garantem as tradições originárias do seu povo.



Os mestres de Lagoinhas são reconhecidos pelos saberes:

Na organização social comunitária:

Benedito Isais  
Bernardo X Zenália  
Bernardo Dos Reis  
Manoel Bernardo X  
Maura André Bernardo

São as pessoas responsáveis que coordenar os trabalhos da Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Lagoinhas. São os únicos sócios fundadores que permanecem na entidade por compromisso social e para bem comum. O grupo sempre os elegem de forma democrática para o cargo da presidência, por confiança e dedicação.

Suas esposas são verdadeira mobilizadoras e ativistas do enfrentamento dos trabalhos da Associação. Estiveram sempre presentes nos momentos de crise e foram elas as responsáveis pela grande conquista que a entidade está desfrutando: a produção de verduras orgânicas. Atividade que elas iniciaram com um grupo de dez mulheres realizando desde o preparo do terreno, o manejo com tratos e insumos da própria natureza, até a comercialização.

Essa atividade hoje se encontra num estágio bastante organizado por meio da criação da feira de produtos orgânicos que acontece na comunidade aos sábados. E aos domingos eles oferecem seus produtos na feira de uma comunidade vizinha o Distrito de Gameleira do Jacaré. Elas realizam esse trabalho com muita alegria e satisfação junto ao coletivo que ajudam a assegurar a existência da Associação. Dona Maura se encontra afastada das atividades nesse momento em virtude de problemas de saúde. Mas sempre esteve como protagonistas desses trabalhos comunitários junto com sua família nas ações da Associação.

Na Cultura:

#### 1- JOSÉ VICENTE ALVES BONFIM (ZÉ VEIO)

É a pessoa responsável para coordenar os trabalhos do Reisado na comunidade de Lagoinhas. É ele quem cuida das apresentações do grupo tanto durante o festejo, quanto em outros locais quando são convidados. O período que antecede o dia do Santo Reis é comemorado durante 15 (quinze) dias, através de visitas nas casas das pessoas que convidam daquelas que fazem promessas por alguma situação de saúde ou problemas familiares. Durante essas visitas o grupo arrecada alimentos e ajuda financeira para colaborar com o encerramento do festejo em 6 de janeiro de cada ano. Zé Veio diz está preocupado com a continuidade dessa tradição que para ele é sagrado e de festividade para a comunidade. Ele diz que os integrantes do grupo do reisado já são pessoas mais velhas, alguns já morreram outros com muitos problemas de saúde que não conseguem participar ativamente das atividades. Zé Veio ainda afirma que os jovens não tem se interessado em aprender esses saberes. O que vai comprometendo a permanência dessa manifestação cultural que representa um legado dos seus ancestrais.

#### 2- JOVENITO DOS REIS (SR. NITO) X MESSIAS GUILHERMINA DOS REIS

José Vicente Alves (Zé Veio) e Jovenito dos Reis (Sr. Nito) são os responsáveis pela organização e celebração do reisado na comunidade. Zé Veio é considerado o coordenador dos trabalhos por que é ele quem mobiliza as pessoas para o festejo.



Mas o líder e guardião dos saberes ancestral é Senhor Nito como é conhecido na comunidade. É na casa dele que os materiais da festa, os instrumentos e o altar do Santo Reis se encontram e também realiza a celebração final no dia 6 de janeiro.

Senhor Nito relata que está com essas obrigações com o Santo Reis há mais de 50 anos. Ingressou no reisado aos 15 anos de idade, tocando a viola no grupo da comunidade de Lagoa Grande. Que era dirigido pelo Senhor Marciano dos Reis que recebeu de Senhor Terto dos Reis, descendente das comunidades da Vereda. Foto de sr. Nito com a viola

Dona Messias Guilhermina dos Reis, esposa de Sr. Nito, é a pessoa responsável pela celebração religiosa de Santa Luzia. Tradição que recebeu dos seus familiares da comunidade de Mandacarú, Município de Central. Após seu casamento ela leva o festejo para a comunidade de Lagoinhas. O festejo de Santa Luzia acontece no dia 13 de dezembro, na casa desse casal que recebe as pessoas da própria comunidade e de outras comunidades para celebrar a santidade, pagar suas promessas em forma de cortejos pelas ruas da comunidade. Ao final a imagem é levada de volta até a casa de Dona Messias, onde está o altar da Santa, juntamente com o Santo Reis. E tudo se encerra com uma grande festa com muita comida que eles oferecem ao povo. Acreditam que o gesto de doação é uma forma de agradecimento ao sagrado pelas bênçãos recebidas nas suas vidas durante o ano que se passou. Principalmente com as questões de saúde na família, a produção das lavouras, a saúde dos rebanhos que fazem parte da renda das famílias.

No Sagrado (Parteira, Benzedeira e Mãe de Santo):

### 3- JERUZA ALVES BONFIM (DONA JERÚ) – FOTOS COM ELA NAS PLANTAS E NO ALTAR

Parteira, benzedeira e responsável pelo trabalho do Carirú na comunidade. É assim que ela é reconhecida pelos seus saberes e habilidades que para ela é um dom, uma divindade





Questionada sobre as experiências com os saberes da cura, ela afirma que nesse ofício não teve um mestre que lhe orientou. Ela relata que desde a sua infância tinha atitudes diferentes das demais crianças da sua época. Costumava ficar muito isolada, brincava com as plantas e com objetos da natureza e intuitivamente fazia chás e conversava com suas bonecas sobre as orientações dos remédios medicinais. Gostava muito de brincar com lenços cobrindo sua cabeça para representar que o ato da benzeção era sagrado.

Dona Jeruza carrega consigo muitos legados e saberes ancestrais que caracteriza seu povo de origem da cultura negra. Ela sempre remete seus saberes sagrados (Parteira e Mãe de Santo) à outros mestres que fizeram parte dessas origens e da formação da comunidade. Não é diferente dos outros mestres, tem suas raízes de saberes ancorados na região da Vereda. Lugar que para eles foi o território de descendência das vidas e práticas culturais e religiosas.

Além dos saberes como parteira e benzedeira é também Mãe de Santo. Saber esse que para ela é um dom que foi manifestado, ainda na sua juventude. Ela ainda não era casada, porém teve o apoio do seu irmão Zé Veio (reisado) para procurar ajuda de outro mestre que pudesse lhe orientar nas práticas religiosas. Assim, seu primeiro mestre foi um Pai de Santo da Vereda que lhe ajudou a cumprir com seus compromissos e responsabilidades religiosas.

## **7. OS SABERES DOS MESTRES NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE QUILOMBOLA DO CAMPO**

Os trabalhos dos mestres são apresentados na comunidade por meio dos espaços coletivos, através das atividades realizadas na organização social comunitária, nas manifestações culturais e na religião de matriz africana. Assim, podemos dizer que esses espaços são: Associação dos Produtores Rurais, Grupo do Reisado e Festejo do Carirú.

## 1- ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES RURAIS





A Associação de Lagoinhas nasce em 1987 num cenário de crise econômica para a microrregião de Irecê. Pois, nos anos de 1980 essa região recebeu muitos incentivos financeiros dos Bancos públicos para plantar feijão, milho e mamona, sem uma avaliação das condições climáticas para esse tipo de plantio e sem o respeito às habilidades agrícolas que já existiam nessa região. Com o declínio desse incentivo os agricultores ficaram endividados e sem condições de dar continuidade às suas atividades da agricultura de sequeiro.

No final dos anos de 1980, o Governo do Estado, através da Empresa Baiana de Assistência Técnica Agropecuária apresenta projetos de viabilidade econômica para os pequenos produtores rurais por meio da mobilização coletiva. Visto que individualmente já não era mais possível acessar os recursos financeiros de apoio aos pequenos agricultores.

A comunidade de Lagoinhas recebeu essas orientações técnicas e cria a Associação para retomar as produções agrícolas, ainda de sequeiro e plantando a monocultura do feijão. Na fundação dessa Associação foram 20 (vinte) pessoas que se envolveram e se organizaram desde os preparos da documentação para a criação da mesma. Era necessário ter uma área coletiva para legalizar todo o processo e dar inícios aos trabalhos. Um dos sócios fez a doação desse terreno para então desejada conquista coletiva do momento. Senhor Manuel e Senhor Benedito estiveram desde esse momento de fundação da Associação, abraçaram a causa coletiva como compromisso social e para o bem comum da comunidade.

Segundo eles no início dos trabalhos o grupo era bastante unido e eles conseguiram produzir bem, nos primeiros anos dessas atividades. Nesse período os trabalhos aconteciam em forma de mutirão, o grupo tinha muita disposição. As práticas coletivas tinha muito resultado.



Houve um período por volta do início dos anos de 1990 que a Associação enfrentou uma crise de desentendimento entre os sócios. E a associação perdeu seu terreno coletivo, mesmo estando documentado o sócio que tinha feito a doação anulou a declaração. O grupo se desarticulou e muitos saíram, ficaram desmotivados e os trabalhos coletivos diminuíram. Nesse momento a família de Senhor Benedito fez a doação de outro terreno para reestruturar os trabalhos coletivos.

Com a colaboração da Prefeitura e com o apoio técnico da EBDA novamente, o novo grupo se reergueu, uniram e tiveram muita disposição para trabalhar e abraçar a causa coletiva. Nesse período conseguiram produzir milho, feijão e mandioca, com esses recursos eles compraram outro terreno coletivo.



A EBDA foi uma grande parceira da Associação nesse período, tanto na orientação das práticas de produção, quanto também nos projetos de beneficiamento que eles conquistaram: casa de farinha, um trator, dois poços artesianos, kit de irrigação.

Além dos trabalhos entre os sócios, a Associação também se envolve na vida de toda a comunidade. Ela tem participação ativa nos conselhos municipais da agricultura, saúde, educação, ação social o que contribuiu bastante no desenvolvimento da comunidade. Apresentando nesses espaços as demandas comunitárias, a Associação foi a responsável direta por algumas conquistas para Lagoinhas: as unidades sanitárias para todos os moradores, o CRAS, o PSF e uma escola que foi um projeto do FNDE para as comunidades quilombolas.

Por volta do período de 2004 à 2006 a comunidade de Lagoinhas recebeu uma equipe de pesquisadores da UnB (Universidade de Brasília) que foram os responsáveis pelos estudos e levantamentos de dados para a construção do relatório técnico da certificação dessa comunidade como Remanescente de Quilombola. A partir dessa certificação a comunidade foi contemplada com algumas políticas públicas disponíveis na época pelo governo federal, que estão citadas acima.

Tanto Sr. Manoel, quanto Sr. Benedito reconhece a identidade quilombola da comunidade por conta dos costumes e tradições de seu povo, através das experiências com os trabalhos coletivos e solidários, das manifestações culturais do reisado, as experiências das parteiras, das benzedeadas.

“Eu vejo que quilombola, mãe Lô, com as experiências de parto, com os chás e as ervas para ajudar as mulheres a despachar na parição”

“As celebrações e devoções aos mortos, os alimentadores de alma”.

“Os festejos com o reisado.” (Sr. Manoel).

No atual momento a Associação está trabalhando com a produção de alimentos orgânicos sob a orientação da assistência técnica da BAHATER – Superintendência Baiana de Assistência Técnica e Extensão Rural. Mas para os membros dessa Instituição o trabalho com orgânico é um retorno às práticas dos seus ancestrais nos cuidados com a terra, com a natureza que eles aprenderam com seus familiares na Vereda.

“Trabalhar com orgânico foi voltar aos nossos costumes”. “Tudo que a gente produz nós não utiliza defensivo agrícola é tudo natural”. (Sr. Benedito).



Senhor Benedito e Senhor Manole continuam lutando para os trabalhos coletivos não desaparecer e a Associação não deixar de existir. É a família deles juntamente com suas esposas respectivamente: Dona Zenália e Dona Maura. Elas foram as responsáveis pelo deslanchar desse trabalho com orgânicos. Para Sr. Benedito os homens só se envolveram depois que as coisas começaram a funcionar.





O trabalho dessas mulheres teve uma boa repercussão é quando a BAHIATER passa a realizar assistência técnica para os membros da Associação, sobre esse tipo de produção agrícola. Essa assessoria vem avaliando a qualidade e condições da produção dos alimentos para que esse grupo venha conseguir o Selo de Orgânicos. “Amanhã a gente vai para a ferinha” (Sr. Benedito).

Esse trabalho com orgânicos retomou as ações coletivas da Associação, dinamizou os sócios. Pois, hoje eles sentem se motivados e valorizados nos seus trabalhos.

Essa produção faz parte da alimentação da família e o excedente eles comercializam. No início desses trabalhos eles tentaram vender os produtos para o Programa da compra direta da Alimentação Escolar (PNAE), mas o resultado foi um fracasso, segundo eles. Mas hoje o grupo tem um espaço de comercialização dos seus produtos numa Feira de Orgânicos na própria comunidade que acontece aos sábados. E aos domingos eles participam da feira tradicional da comunidade vizinha em Gameleira do Jacaré, mas com seus produtos orgânicos.



Para Sr. Benedito e Sr. Manoel a bandeira de luta atual da Associação é a conquista da Titulação da Posse da Terra Quilombola. Eles já estão preparando a documentação sob a orientação da Secretaria Municipal de Agricultura que está intermediando esse processo diante do INCRA. É uma ação mobilizada pelo Estado nesse momento que dar prioridade às comunidades quilombolas.

Senhor Manoel lembra que com os documentos da fazenda de seus avós (João Pedro Bernardo e André Pedro Bernardo) receberam e eles guardam até os dias atuais, ajudará a reconhecer os limites da área. Pois, pelo documento original apresenta outros limites das terras. Que hoje existe uma fazenda de um grande proprietário que está dentro dessa área. Ele espera que não apareçam conflitos, visto que esse fazendeiro já morreu. E o documento original dos primeiros compradores são seus familiares. A titulação das terras é coletiva. O que vem assegurar o direito à todos os moradores da comunidade que já estão nas terras.

A trajetória percorrida na dinâmica da Associação é marcada pelo espírito coletivo e solidário. Os principais dirigentes (Senhor Benedito e Senhor Manoel), sempre estiveram no engajamento dos trabalhos coletivos e com a preocupação de manter ativa a Associação. Mesmo em tempos difíceis que esse coletivo enfrentou eles permaneceram, resistiram e continuam nos dias de hoje.

O compromisso comunitário que eles têm demonstra que são mais que sócios e presidentes dessa Associação. São verdadeiros guardiões dos bens coletivos dessa comunidade. Reconhecem as dificuldades de mobilizar a juventude para assumir esses trabalhos que para eles a Associação é a gestora da comunidade.



## 2- GRUPO DO REISADO

É um festejo de tradição das comunidades das margens do Rio Jacaré – Vereda – que foi levado para Lagoinhas por um Senhor chamado Terto dos Reis que aprendeu nos grupos de reisado da comunidade de Curralinho que também é uma comunidade quilombola.

No início da formação da comunidade de Lagoinhas, existiam dois grupos de reisado: o Grupo do Reisado do Deus Menino e o Grupo do Santo Reis.

O Grupo do Reisado de Deus Menino era liderado por Mãe Fulô que aprendeu com sua mãe a Senhora Francisca que vem das comunidades da Vereda. Segundo depoimentos de Mãe Fulô, sua mãe foi deixada pelo bando de Lampião, mas que não revelava suas origens e descendências. Mãe Fulô além de Parteira carregava essas obrigações sagradas e de devoção.

Esse grupo era formado por mulheres, as filhas e netas de Mãe Fulô. Elas faziam o cortejo nas casas das pessoas que faziam promessas ao Deus Menino nos dias que antecedia a data principal do festejo: 25 de dezembro. Ou seja, essas celebrações iniciavam no início do mês de dezembro e esse grupo segurava até dia do festejo.

Além desse festejo do Deus Menino, esse mesmo grupo era responsável para realizar a cerimônia de alimentadores de almas. As mulheres se vestiam de branco com seus rostos cobertos sem identificação e com velas acesas nas mãos seguiam em direção ao cemitério onde passavam a noite fazendo orações para seus mortos. Essa atividade elas realizavam no período da Semana Santa o que simbolizava a morte de Deus como homem. Ou seja, a devoção estava relacionada à celebração do nascimento e morte de Jesus.

Esse grupo de reisado de mulheres desaparece quando as filhas e netas de Mãe Fulô passam a frequentar as religiões evangélicas. Algumas mulheres desse grupo se juntaram ao grupo do reisado de Santo Reis.

O grupo do reisado do Santo Reis realiza os festejos no período depois do Natal. Eles davam continuidade à celebração que era realizada pelo grupo do Reisado de Deus Menino. A celebração ainda acontece assim, o grupo visitando as casas das pessoas que muitas vezes já sinalizavam que desejavam receber a roda de dança. Nessas visitas eles arrecadavam alimentos e dinheiro para colaborar com a celebração no encerramento da festa na data de 6 de janeiro que é o dia do Santo Reis.

Esse grupo de reisado está na responsabilidade do Senhor Nito e de Zé Veio, são as pessoas responsáveis pela festa. Senhor Nito é o guardião da tradição e Zé Veio é o mobilizador dos amigos para atender aos pedidos e convites que o grupo recebe para se apresentar.

Nos dias atuais existe somente um grupo, o de Santo Reis que também recebem as pessoas que faziam parte do grupo de reisado da comunidade Boa Hora (comunidade quilombola), depois que seu líder morreu. Tanto senhor Nito, quanto Zé Veio apresentaram a preocupação da continuidade dos festejos e a permanência da tradição. Eles dizem que os jovens da comunidade não apresentam interesse em aprender. Os jovens se fazem presentes nos momentos da festa, mas não querem assumir as responsabilidades diante da comunidade.

Para eles é uma devoção e uma obrigação que não podem ser interrompida. Ao relatar a história eles disseram que ficaram tristes porque não ponderaram realizar o festejo nesse ano, por motivo de problemas de saúde tanto do Senhor Nito, quanto de Zé Veio.

Atualmente o grupo tem a presença de 12 pessoas, homens e mulheres já idades. Os jovens só aparecem no momento da brincadeira, segundo Zé Veio. Ele diz que tem muita satisfação de colaborar com a realização desse festejo e de ainda manter viva essa tradição.

O grupo se apresenta em vários lugares que são convidados para realizar as danças. A identidade e o reconhecimento do grupo na atualidade são de "Reisado de Lagoinhas".



As músicas que mais cantam nas suas rodas de dança é a chula. Que segundo Zé Veio é uma forma de fazer um convite para outra pessoa entrar na roda da dança ou um pedido de licença para entrar na casa de alguém para cantar a roda de samba. Zé Veio apresenta um trecho das músicas que eles costumam cantar nas rodas de samba.

“Ó cadê Dona (nome da dona da casa) que não vejo ela aqui. Ou ela não está em casa ou não tem ninguém por mim” (Zé Veio).

Zé Veio ainda acrescenta que aprenderam essas músicas com seus antepassados, avôs e bisavô (André José Bernardo). Para ele é um tipo de música que dar para complementar no momento próprio, pois o ritmo ajuda as pessoas que estão na roda a jogar versos que são criados no momento da dança.

### 3- CARIRÚ

A realização do festejo do Carirú na comunidade de Lagoinhas é de responsabilidade de Dona Jeruza que é a Mãe de Santo atuante e praticante dos saberes sagrados das religiões de matrizes afros brasileiros: o Candomblé. Ao assumir a chefia do Candomblé, a filha passa a ser mãe e, como só candomblés são igrejas independente entre si, em si mesma resume, inquestionavelmente, toda a autoridade espiritual e moral. O título de mãe vem do fato de o chefe do candomblé aceitar iniciadas (filhos, no futuro) para criar na devoção aos desuse. Depois de efetivamente admitidas na comunidade, essas iniciadas se consideram filhas espirituais do chefe do candomblé e nesse sentido é que se emprega a palavra mãe.





O festejo acontece no dia 17 de outubro, data que para Dona Jeruza marca o início das suas obrigações sagradas orientada por sua mestra que até os dias de hoje mantém essa tradição.

Dona Jeruza trabalha com duas mesas de santo: a de Cosme e Damião e a de Santa Bárbara. Ela relata que a festa tem início com a matança e faz a oferenda aos santos que pede autorização para realização da mesma.

Para Carneiro (2008) uma festa de Candomblé geralmente começa com a matança – sacrifícios de animais, galo, bode, pombo, etc. ao som de cânticos e em meio a danças sagradas, com a assistência apenas da mãe, do sacrificador (Axogum) e de algumas filhas mais velhas coadministradoras da comunidade.

Depois da matança, todas as filhas são arrumadas em círculo no baração. A cerimônia tem o sentido de lhe pedir licença – a Exu – para realizar a festa, que poderia perturbar, se quisesse, pelo fato de não haver sido homenageado. Exu, depois do despacho, consegue a boa vontade dos orixás para o sucesso da festa. Os atabaques começam a tocar, enquanto as filhas em coro entoam canções para Exu. Para terminar a reunião, a ordem parte, em qualquer caso, da mãe, cuja autoridade é absoluta sobre toda a comunidade religiosa.

Em seguida acontece a mesa de oferenda para as crianças que é a de Cosme e Damião. Na sequência realiza a mesa de Santa Bárbara. E depois é o momento da “brincadeira” que reúne um grupo de mulheres que se vestem com roupas que representam seus Santos. Ela acha que os homens da comunidade ainda não tem coragem de se manifestar nesses momentos religiosos e de celebração.

Para o autor Pradini (2005), a religião negra no Brasil é o Candomblé. O encontro de diferentes grupos nas grandes cidades do século XIX que recriava no Brasil cultos religiosos que reproduziam não somente a religião africana, mas também outros aspectos da cultura da África. Foi quando se criou o que talvez seja a reconstituição cultural mais bem acabada do negro no Brasil, capaz de preservar até os dias de hoje: o Candomblé.

Quando o tráfico negreiro cessou e logo depois a escravidão chegou ao fim, iniciou-se um lento processo de integração do negro na sociedade brasileira de classe, em formação. O candomblé como reunião de negros originários e descendentes de determinadas etnias ou nações africanas foi deixando de fazer sentido. As novas adesões dos negros na maioria já nascidos brasileiros, as diferentes nações do candomblé deixaram de ser orientadas pela origem étnica e passaram se reconstituir numa escolha pessoal, pensando na decisão as simpatias pelo chefe do grupo, o conhecimento e amizade de adeptos, localização do território, etc.

De todo modo, no começo do século XX, definitivamente o corte já não era mais étnico. Assim, como o negro esqueceu sua origem e a língua dos pais e avós, o candomblé também esqueceu o significado das palavras e a sintaxe das línguas sagradas. Embora os cânticos e rezas tenham sido preservadas nas línguas originárias, modificadas e corrompidas, evidentemente a cada geração as diversas línguas do candomblé deixaram de ser línguas de comunicação, para ser línguas rituais introduzíveis. Os mitos de origem de que falam os cânticos sacros forma igualmente em grande parte esquecidos, a memória ancestral foi deixando de reafirmar as verdades originais antigas para dar luz a novas questões, impostas pelo imperativo de se viver num mundo contemporâneo com constantes transformações.

O que restou da memória coletiva viva, que constantemente faz referência a um determinado povo, a uma etnia, transformou-se em fundamento religioso, cristalizou-se. A comunidade de culto no candomblé não é mais necessariamente uma comunidade afro- descendente, não é mais uma reunião de negros que cultiva uma origem comum, os próprios antepassados lembrados nos terreiros não são mais os heróis africanos das cidades e dos troncos familiares, mas os fundadores dos orixás no Brasil e os velhos líderes de terreiros. Apenas os mitos de interesse religioso serão lembrados; os costumes africanos somente sobrevivem quando reinterpretados e adotados como elementos e práticas religiosas.

O momento da festa que Dona Jeruza chama de “brincadeira” é uma roda com um grupo de mulheres vestida dos seus orixás. Pois, a dança do candomblé, com os orixás manifestados nas filhas e filhos de santo em transe, traz para o presente da comunidade de culto, por meio dos mitos representados nas coreografias, o passado remoto, imutável e verdadeiro das divindades. Que não é mais o passado real da comunidade de terreiro, hoje não mais formado exclusivamente por afro- descendentes, mas também para o branco que adere à religião dos orixás.

Não está mais referido a um passado genealógico, consanguíneo que identifica e legitima cada tronco familiar, como na África. Mas liga espiritualmente cada membro da religião, independente de sua origem étnica, a um dos antepassados que forma o panteão das divindades cultuadas em solo brasileiro: os orixás – Exu, Ogum, Oxássi, Ossaim, Omulu, Nanã, Oxumarê, Euá, Xangô, Obá, Iansã, Oxum, Logum Edé, Iemanjá, Oxaguiã, Oxalá.



O Candomblé brasileiro ensina que cada ser humano descende de um desses deuses, independente de sua origem familiar, étnica, racial ou geográfica. Os orixás são agora divindades universais.

Compromisso e muita responsabilidade com suas práticas religiosas, Dona Jeruza apresenta com muito orgulho e satisfação o seu trabalho de cuidar desses saberes sagrados que fazem parte da vida na comunidade. Ela também é católica praticante, envolvida nas atividades da Igreja da comunidade, como também é devota de Bom Jesus da Lapa. Todos os anos ela participa da romaria que é organizado pela Igreja Católica. Ou seja, o sincretismo religioso faz parte dessas mulheres de terreiro. Em muitos momentos para está na presente em lugares mais aceitos na comunidade e em outros momentos busca uma relação dos santos católicos com seus santos dos orixás.

Apresentar os saberes sagrados de Dona Jeruza é poder transmitir para outras pessoas o legado que essa mulher de expressão forte, carrega consigo fé, dedicação e obrigações religiosas. Segundo ela nem sempre pode ser revelados, pois muitas pessoas por desconhecer não querem aprender. Com isso, ela afirma que esse tipo de saber é construído por dois caminhos: tradição quando é herdado de algum parente; ou é um dom sagrado e secreto que tem como mestre maior os mistérios da divindade.

## **8. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os mestres dos saberes populares quilombolas do campo da comunidade de Lagoinhas em São Gabriel, têm seus saberes ancorados nos seus ancestrais que teve suas origens na comunidade da Vereda nas margens do Rio Jacaré. É uma região formada por várias comunidades de povo negro que chegou junto com as fazendas de gado. O povoamento da Vereda aconteceu em pontos isolados no percurso do Rio, por pessoas que foram deixadas por esses fazendeiros. Algumas pessoas eram parentes, muitas não sabiam suas origens.

A sobrevivência desse povo na Vereda foi marcada pelas práticas dos trabalhos coletivos e solidário na produção dos alimentos, criação de animais, no cuidado com as plantas medicinais; nos festejos do reisado; e nas práticas religiosas do Candomblé, manifestadas pelo sincretismo religioso – o Carirú.

Ou seja, a forma de organização social comunitária com práticas solidárias, as manifestações culturais e os saberes sagrados caracterizam esses saberes como quilombolas do campo. Os mestres reúne esses saberes como também apresentam seus compromissos sociais de dedicação à esses legados e se posicionam como guardiões.

A escolha desses mestres está no inconsciente coletivo da comunidade em virtude dos seus serviços prestados ao bem comum. Eles se dedicam constantemente à essas ações coletivas e se preocupam em mantê-las vivas. Tanto os mestres da organização comunitária, como os do reisado estão preocupados pela ausência da juventude nesses coletivos, pois são eles os responsáveis para aprender e dar continuidade à esses legados. Já para a mestra dos saberes sagrado ela afirma que esse tipo de conhecimento nem sempre pode ser transmitido.

Às vezes são herdados e outras vezes são recebidos como dom. Ela ainda complementa que as pessoas que recebem esses saberes são escolhidas pelos seus santos e são preparadas para assumir suas obrigações religiosas.

A construção da identidade quilombola do campo para os Mestres de Lagoinhas é uma ação permanente na relação de convivência comunitária, com práticas solidárias, desde os saberes com a natureza para produção dos alimentos, até as celebrações culturais e religiosas. Esses vínculos que mantêm viva a comunidade e suas relações de irmandades, mesmos com suas diferenças religiosas atuais, apresentam uma relação de permanência com as comunidades da Vereda. Terras que para eles representam lugar de sossego, garantia dos alimentos quando a seca avassala as terras de Lagoinhas. Lugar de liberdade.

## 9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, Simone Raquel Batista. “Quilombolas”. IN: Dicionário da Educação do Campo – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

GOMES, Flávia dos Santos e REIS, João José. Liberdade por fio: história dos quilombos no Brasil. – São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GEERTZ, Clifford, 1926- A interpretação das culturas / Clifford Geertz. - I.ed., IS.reimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2008.

LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia. – São Paulo: Brasiliense, 2007.

MARTINS, Taiane Dantas. Cativeiro e liberdade no Sertão – 1ª ed. – Jacobina, BA: Edição do Autor, 2010.

MUNANGA, Kabengele. DIVERSIDADE, IDENTIDADE, ETNICIDADE E CIDADANIA. Departamento de Antropologia – USP.

MUNANGA, Kabengele. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. (Entrevista). Estudos Avançados 18(50), 2004.

MUNANGA, Kabengele & GOMES, Nilma Lino. O Negro no Brasil de Hoje. – São Paulo: Global, 2006.

OLIVEIRA, Eduardo. Epistemologia da Ancestralidade. -Professor Adjunto da FACED-UFBA e Presidente do Instituto de Pesquisa da Afro-descendência — IPAD. (2001; 2003; 2007).

OLIVEIRA, Rosy & GOMES, Flávio dos Santos (org.). Das Formações Negras Camponesas: ensaios sobre os remanescentes de quilombolas no Brasil. Cruz das Almas: EDUFRB: Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. (Coleção UNIAFRO).

PRANDI, Reginaldo. Segredos Guardados: Orixás na Alma Brasileira – São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PEREIRA, João Purcino; PEREIRA, Leonellia. Terra dos Arcanjos. Historiografia da cidade de São Gabriel – BA. 1ª edição. Irecê: Prit Fox, 2010.

RODRIGUES, Nina. Os Africanos no Brasil. São Paulo: Madas, 2008.

www.Cidades.ibge.gov.br

## 10. GLOSSÁRIO DO CATÁLOGO

AGICULTURA DE SEQUEIRO – é uma técnica agrícola para cultivar terrenos onde a pluviosidade é diminuta. A expressão sequeiro deriva da palavra "seco" e refere-se a uma plantação em solo firme (o contrário de brejeiro, ou de brejo, como é comum nos países asiáticos e em Santa Catarina, no Sul do Brasil).

ALIMENTADORES DE ALMAS – grupos de peregrinos acompanham entre a Quarta-feira de Cinzas e a Sexta-feira Santa, a tradição dos Penitentes que é realizada três vezes por semana onde os fiéis vestidos de branco, saem pelas ruas cantando e rezando pelos mortos. A tradição permite a participação de homens, mulheres e crianças. Conhecidos como “Alimentadores de Alma” se dedicam a tradição da penitência durante o período da Quaresma. À frente do grupo está a cruz que guia o cortejo. O grupo reproduz as “Sete Estações”, caminhada de Cristo ao calvário.

BAHIATER – A Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), por meio da Superintendência Baiana de Assistência Técnica e Extensão Rural (Bahiater), desenvolve ações de Assistência Técnica e Extensão Rural para a agricultura familiar organizada.

BENZEDEIRA – Sem dúvida, o misticismo popular vem desde o Brasil colonial, quando o povo se valia das crendices e fórmulas naturais em busca de melhorias na luta contra as enfermidades, diante da precária assistência à saúde. Assim, de acordo com os costumes e levado pelo limitado conhecimento científico disponível na época, o homem une os recursos da natureza à própria fé, dando início a uma variada farmacopeia composta de mezinhas, garrafadas, infusões, chás, amuletos e oferendas aos santos para tratamento médico. A essas crendices se misturaram os traços culturais e religiosos das três raças que formaram a etnia brasileira, resultando em receitas, habilidades e saberes que se perpetuaram oralmente, passando de pai para filhos de geração a geração.

Ainda hoje, em qualquer parte do Brasil, principalmente no Nordeste rural, é possível encontrarmos pessoas dispostas a exercer seus conhecimentos dando assistência às aflições físicas, existenciais e espirituais. Essas pessoas carregam consigo uma áurea misteriosa que inspira respeito e confiança aos que as procuram. Dependendo da maneira como são usados esses saberes, numa mistura de dom, solidariedade e ofício, é possível identificar tipos e denominações diferentes em relação as suas características de atuação.

Rezadeiras e benzedadeiras são denominações distintas para designar quase o mesmo ofício. Porém, segundo o livro Rezas, benzeduras e simpatias, a diferença é que benzedadeiras são em geral mulheres, sendo mais solicitadas para prestação de serviços e muitas vezes são as únicas parteiras do lugar. Por ser uma função exercida em geral por mulheres, é sempre referida no feminino.



**CARIRÚ** - (NOMENCLATURA USADA PARA O FESTEJO DO CANDOMBLÉ EM ALGUMAS REGIÕES DA BAHIA QUE GERALMETE TEM A MESA DE COSME E DAMIÃO) – iguaria sagrada da festa popular e religiosa (CARURU). O tamanho da oferenda é medido pela quantidade de quiabos. Mil, três mil, cinco mil, 10 mil quiabos. Cada um faz como pode. Quando a comida fica pronta, são colocadas pequenas porções em vasilhas de barro que são depositadas aos pés das imagens dos santos, ao lado das velas, doces e água. Depois, outra parte é servida a sete meninos com, no máximo, sete anos de idade cada. Eles devem comer com as mãos, todos juntos numa única gamela de barro grande. Então, é a vez dos convidados participarem da festa. Assim manda a tradição do Caruru de São Cosme e São Damião servido em terreiros e lares, principalmente na Bahia. O costume, ao lado da distribuição dos doces – e também do xinxim de galinha, do vatapá, do arroz, milho branco, feijão-fradinho, feijão-preto, farofa, acarajé, abará, banana-da-terra frita e os roletes de cana –, integra os festejos.

**CHULA** – A chula é uma dança e tipo de cação de origem portuguesa, já referida em fins do século XVII. Como dança sua existência no Brasil, está documentada pelo menos desde o princípio do século XIX. Os autores veem na ora como dança singular, ora como música destinada a várias danças populares. Quando é dança singular, o único dançarino tira aquele que substitui, e assim sucessivamente, até que chega a vez do tocador, quando termina a dança.

**CRAS** – Centro de Referência da Assistência Social - é uma unidade pública estatal descentralizada da política de assistência social sendo responsável pela organização e oferta dos serviços socioassistenciais da Proteção Social Básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) nas áreas de vulnerabilidade e risco social dos municípios e DF.

**DEFENSIVO AGRÍCOLA** – são produtos químicos, físicos ou biológicos usados no controle de seres vivos considerados nocivos ao homem, sua criação e suas plantações. São também conhecidos por agrotóxicos, pesticidas, praguicidas ou produtos fitossanitários.

**EBDA** – Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola – desenvolvia atividades de assistência técnica aos pequenos produtores rurais do Estado da Bahia.

**FNDE** – O Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) é o órgão responsável pela execução da maioria das ações e programas da Educação Básica do nosso País, como a alimentação e o transporte escolar, além de atuar também na Educação Profissional e Tecnológica e no Ensino Superior.

**MÃE DE SANTO** – mãe de terreiro é uma sacerdotisa e chefe de um terreiro de candomblé.

**MUTIRÃO** – Trabalho que se faz coletivamente, para ajudar de maneira gratuita, especialmente no meio rural, buscando melhorias na comunidade. Qualquer ação que mobilize várias pessoas para realizar um trabalho.

**PARTEIRA** – Mulher cuja profissão é assistir os partos, ajudar as parturientes. (Sin.: obstetrix, comadre.).

**PNAE** – O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) oferece alimentação escolar e ações de educação alimentar e nutricional a estudantes de todas as etapas da educação básica pública. O governo federal repassa, a estados, municípios e escolas federais, valores financeiros de caráter suplementar efetuados em 10 parcelas mensais (de fevereiro a novembro) para a cobertura de 200 dias letivos, conforme o número de matriculados em cada rede de ensino.





GABRIELLE